



O Gaiato



Visto pelo
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VII—N.º 167
PREÇO 1500

DOCTRINA

O NOSSO JORNAL

O nosso rapaz do torno, anda a praticar na oficina que construiu este que nos ofereceram. Eu fiquei admirado e contente ao saber que a peça tinha sido fabricada na nossa Pátria, por portugueses, e cada vez tenho mais interesse em visitar a Feira das Industrias. Sou do tempo em que os maquinistas dos nossos barcos eram ingleses!

O torneiro conta-me maravilhas dos patrões, dos colegas e do que lá se faz; não me largou enquanto não fui lá ver. Cada fim de semana, apenas chegava, ia em minha cata: então! Era a censura de não ter ido. Fui. Disse-me ele que no dia da entrada, o seu patrão reuniu os operários, e declarou-lhes ter interesse em que todos ensinassem ao recém-chegado, tudo quanto sabem, por ele ser da Casa do Gaiato. Eu estava inteirado desta admirável lição de generosidade, quando me resolvi a ir à oficina.

São três sócios, dois dos quais irmãos. Abeiram-se e cumprimentam efusivamente. Não dão a mão. Dizem que estão sujos, e afastam-nas delicadamente. Dão os olhos. Há uma grande duzia de operários ocupados; o meu estava no meio deles. Em cima, no segundo andar, vê-se obra feita. Maquinaria. Estes três homens, podem não dispor de grandes capitais, mas têm inteligência e iniciativa; e muitíssima largueza de vistas: eu quero que todos ensinem tudo a este aprendiz.

Isto é soberbo! Deus os ajude. Com vista aos homens de mãos limpas que fazem caixinha do que sabem, em prejuízo da humanidade! Quanto mais não valem estas mãos sujas; quanto, quanto, quanto!

Como acima digo, mal chega o meu rapaz à nossa aldeia, temos os dois uma hora cheinha do que ele faz, do que ele ouve, do que ele estraga, e tudo. Dos patrões é do que ele mais gosta de falar. E quer muito que eu lá torne.

Pela conversa do simpático torneiro e de outros que por lá andam, compreende-se que em toda a parte aonde os nossos trabalham e aparecem, deixam nas almas uma inquietação; a sublime inquietação de Jesus de Nazaré.

Ora nós precisamos de deixar os fieis e ir à procura destes valores transviados. Jesus Cristo necessita deles todos e é por nós, sacerdotes, que eles não de vir; pelas nossas obras amassadas no martírio.

Não nos iludamos com as igrejas cheias à missa dominical; chorar e trabalhar por aqueles que não acreditam em nós, isso é que é.

Uma grande parte de bons sacerdotes, debulha-se e derrete-se diante dum catolicismo piegas que se diz piedoso. Ficariam admirados se tomassem contacto com a sinceridade e grandeza d'alma dos que não vão à missa, e trabalhariam para que fossem.

Aquele verbo trabalhar, por ter a força de mover almas, tem profundo significado.

JÚLIO e Avelino andam interessados em fazer aquilo o que eles chamam a *campanha do jornal* isto é, engrossar o número de assinaturas. Para isso, trouxeram-me aqui ontem o rascunho de uma circular com falas muito doces, a ver se *acaçam* assinaturas mai-lo dinheiro d'elas; e contam enviar uma a cada um, dentro do próximo numero do *Desordeiro*. Ninguém segura estes rapazes. Desde que eles têm à sua disposição papel e tinta e máquina de imprimir, criam necessidades de divulgação. Até na vida doméstica. Exemplo: os cozinheiros mandaram fazer um *é proibida a entrada* e colocaram com grude nas portas da cozinha. Há dias fui ver um doente ao hospital, e estava um *doença contagiosa* na porta de uma enfermaria. Nos dias de desafio de bola, aparecem grandes cartazes na portaria da aldeia, com os nomes das *estrelas*. E mais. E mais. E mais.

Eu cá, antes queria ir devagarinho; ainda é a melhor forma de se chegar muito longe. Na verdade, sem reclames nem campanhas, nós já vamos nos

25.000 exemplares. E' nas colónias. Nas colónias é que é a ansia. Ainda agora recebemos da Vila João Belo uma lista com 37 assinantes, com seu respectivo cheque. Assim sim. Estes passam palavra e no próximo ano temos ali o dobro. É a fogueira. Quem diz João Belo diz outras vilas e cidades e lugarejos ultramarinos. Dias há em que recebemos cartas de todas as terras dos nossos Descobridores. O Gaiato tem feito por lá muitas descobertas; são os homens que o têm. O que eles não descobrem com a sua leitura!

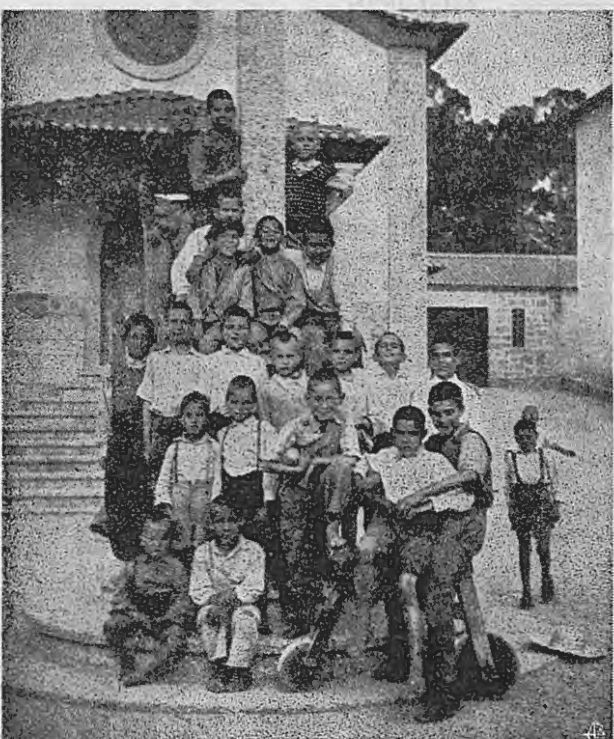
Ainda não tenho fé, mas já me está a parecer que há Deus, dizia um numa carta de letras d'oiro. E outros e outros e outros.

A venda nas cidades tem progredido.

Agora são as praias. Pova e Espinho já tiveram a presença dos pequeninos vendedores. Eu tenho medo dos 50 000; tenho medo! Não faço sequer ideia do que será aqui, avaliando por aquilo que já é com metadel Vamos a ver.



A NOSSA TIPOGRAFIA



Ei-los tal-qual. Cópia fiel do nosso desalinho. Até se vê um pequeno isolado, à direita, com outro mais pequenino às cavaleiras. Não repugna acreditar que tivesses dado nas ruas um tostão a um qualquer, que todos eram mais ou menos d'essa vida; não repugna acreditar. Agora o que repugna, é saber que ainda há quem dê tostões nas ruas ao rapaz da rua, em vez de o fazerem às obras que d'eles cuidam.

A procissão segue no passo que lhe é dado; às vezes parece que vai parar, mas não. E' procissão. São devotos. A devoção é recolhida, mortificada e dá passos de gigante, embora devagar. Vai alguém do Porto com 500\$00. E um visitante também. E alguém de Lisboa fez uma bilha—mealheiro; andou com ela à roda e num instante a encheu com 600\$00. E uma de Cabo—Vila com 100\$. Vila d'Ourém com metade. De Sabugal vão 3 na marca. E uma do Porto que entregou 100\$ a um vendedor. Mais 100\$ do último abono de família que pertencia a minha mãe. Infelizmente para mim ela morreu..... Falam crianças no ventre de suas mães e falam

mortos nas sepulturas! Tem havido mães que mal se sentem pejudadas, querem enfileirar; e hoje, é um filho que vem aqui chorar a sua mãe! Procissão de devotos a passos de gigante. Esta procissão enpequenece o mundo. Imeliamente atrás d'este filho, segue um grupo de 17 Empregados da fábrica de Tabaco de Xabregas com 69\$00—dinheiro tirado da boca! Mais gigantes no cortejo. Uma Mãe do Porto manda os filhos com 100\$00 e fica em casa; tão ladrão é o que vai á vinha como quem manda ir... E mais 100\$00. E mais 20\$00. E mais 50\$00. E mais 100\$00.

Feitas as contas, fica a dívida em 153contos.

NOTÍCIAS DO LAR DO PORTO

DE **CARLOS GONÇALVES**

COMEÇARAM a chegar as primeiras remessas de livros. As livrarias que já atenderam ao nosso pedido são:

Civilização, Figueirinhas, Educação Nacional, Lello & Irmão, Simões Lopes e Nicola.

Também já recebemos livros da Rua da Alegria e dum Senhor do Banco Ultramarino.

Já começamos as obras. Veio um dos nossos carpinteiros de Paço de Sousa para fazer as estantes.

Esperamos que os nossos leitores continuem a mandar livros para que a nossa biblioteca se complete.

A todos que já nos ofereceram: muito obrigado.

O que nos deram ultimamente: do Matadouro Municipal e do Grémio das carnes, respectivamente: vinte e oito quilos de vitela e dezanove quilos de carne de vaca, de Metralhadoras 3, cem paus e dois quilos de café da Junta Nacional de Fruta, quatro cabazes de fruta; de Aguas Santas um cesto de ameixas e do Porto idem.

Muito obrigado.

Para terminar a época futebolística, realizamos no domingo anterior um desafio em que vencemos um grupo do Porto por três bolas a duas. O jogo realizou-se no campo do Ferroviários. No fim da primeira parte perdíamos por uma bola a zero.

No segundo tempo as duas equipas esforçaram-se por mudar o resultado, tendo o nosso grupo marcado três bolas contra uma delas.

Resultado final: G. D. «O Gaiato» 3, Café Brasil 2.

A formação do nosso grupo foi a seguinte: Alfredo, Zé, Armando; Preta e Cete; Adriano, Amadeu, Carlos, Júlio e Chico.

ACTIVIDADES DA NOSSA CONFERENCIA

POR **CARLOS VELOSO**

No dia 2 de Julho reunimos, tratando-se dos nossos pobres.

Visitamos pela primeira vez uma velhinha que está cega há 40 anos e uma que dorme em cima de umas tábuas e, que apenas tem o amparo dum seu filho que ganha 5\$00 por dia. Vamos fazer o possível por socorrer pelo menos uma delas.

Estamos neste momento ocupados com as cotas dos nossos subscritores. Recebemos neste mês 96\$00. O Tesoureiro informou (CONTINUA NA TERCEIRA PÁGINA)

NOTA DA QUINZENA

CHEGOU no correio d'ontem uma despretenciosacaixota, que me pareceu de selos para o Avelino. Dei-lha. O rapaz abre. Não eram selos; era uma jóia formosa. Para a quem tem um bando de filhos. Eu também preciso que Deus me ajude. Eis o cartão da jóia; também preciso que Deus me ajude.

Nesse mesmo dia, depois de arrumar as coisas, tomo o Morris e dirijo-me à Rua das Flores, trocar o objecto de ouro por moeda corrente. É uma casa pequenina, que mais parece museu de antiguidades do que loja de comprar e vender. Ao saber-se ali a origem da prenda d'ouro, foi pesada com devoção e paga com muita generosidade. Nem só do pão vive o homem.

Era meia tarde. Desço o Mousinho e d'ali a nada, encontrava-me em regiões de um mundo desconhecido. É só pela leitura do Gaiato que alguns vão conhecendo... e amando!

Levara na algibeira o produto da peça d'ouro. Podia fazer entrega sem medo. Ele é verdade que a maioria das classes pobres não sabe usar dinheiros; quem dá, tem de o fazer aos poucos, com paciência, com inteligência, com amor. Mas não era este o caso. Nós já vivemos bem, informou, de uma vez, esta de quem ora me ocupo. Nós trabalhávamos, explicou ela. Fora um lar constituído, aonde os pais trabalhavam e criaram filhos—nós já vivemos bem. Mas ela adoce, marido desaparece e a penúria tomou conta. É mulher capaz; o seu ar o diz. Entreguei.

A nossa heroína toma o dinheiro nas mãos. Ao pé, sobre

um mocho, estava um filhito nú que daria para modelo vivo de Jesus Infante; eu cá por isso o tomei. A porta, uma filha moça, tinha feito o jantar num pequeno fogareiro: miudos d'um cabritinho que uma senhora nos deu. Ela fez um bom comerzinho! Outros e outras andavam por ali perto; vivem todos num portal..! Tinham saído naquele momento, depois do bom comerzinho.

Uma estampa religiosa e um velho crucifixo, pendem. Ela não olha para mim. Ela não me agradece. Ela faz uma oração espontânea ao Pai Celeste, com os olhos pregados no sujo e velho crucifixo, transfigurada!

Sou testemunha. Dou testemunho. Retirei-me em bicos-de-pé, não fosse ela acordar; e deixei-a no Beco. É somente pela leitura do jornal que o mundo acorda, extremece e ama.

Agora subo a um quinto andar. Era um dia de calor tropical. Alguém estava num catre e mal me vê geme: eu tenho frio! O quê; frio hoje? Sim. A doente queixa-se novamente. Eu só tenho frio. E aponta com dedos mirrados os restos de um chaile que cai dos seus ombros: um chailinho! Não se esqueça.

Desci os degraus a perguntar a mim mesmo se aquilo que ela me disse poderia ser verdade; eu só tenho frio, num dia de tanto calor!

Cá em baixo há palavras e olhares cruzados. Formam-se pequenos grupos de idades e tamanhos e condição. Deus faça bem a quem faz bem, e eu vou passando, feliz.

O NOSSO LIVRO

JÚLIO e Avelino, resolveram fazer aquela circular verde, que os senhores retiraram do seio do famoso, na derradeira quinzena. Eu cá dizia que não; que era um apêndice desnecessário e dispensável; que se alguém

houvesse de pedir o livro, fazê-lo-ia pela simples notícia no texto. Pois não disse senão asneiras. Os rapazes têm a razão. Tem sido aqui o fim do mundo de cartas e de postais a pedir. É a circular. Viva o Júlio mai-lo Avelino.



DO QUE NÓS

NECESSITAMOS

Mais 500\$ para o Barredo. Mais 200\$ que alguém me deu no Porto, para o Barredo. Mais 500\$ deixados no Espelho da Moda para o Barredo. Mais 100\$ de S. Martinho da Cortiça para o Barredo. O Gaiato tem sido guia. Sei de muitos que têm penetrado naqueles labirintos, apoiados nas letras d'esta coluna de amor. Mais. Gente tem havido que bate à porta do nosso Lar do Porto e pede ali um rapaz dos que costumam ir mais eu ao Barredo;—e vão ao Barredo! O Gaiato tem sido guia.

O Evangelho! A fórmula divina da Caridade! Para quê falar da Obra da Rua e das Casas do Gaiato e dos padres que as conduzem,—de que vale tudo isto?! O Evangelho, sim. Ele há tantos

países, tantas obras, tantas casas de beneficência, que fazem sombra e nada mais. Só o Evangelho é Luz. Regressemos ao Evangelho, que nada perdeu da sua eficácia.

Mais duas vezes o Dr. Zéquinha. Mais uns óculos. Mais 90\$ deixados num estabelecimento. Mais 100\$. Mais 100\$ do primeiro ordenado do meu filho. Mais roupas da Alfaiataria Infantil pelos seus 50 anos de vida. Que Deus os aumente com bom nome e fama. Mais 130\$ de Macau, cheque entregue a um vendedor. E o Negus; outra vez o Negus do Porto com 100\$00.

Retirado do Depósito, um sem número de coisas. E mais nada.

NOTÍCIAS DE COIMBRA

DE **ERNESTO PINTO**

1 A nossa casa é pequenina, mas geitosa; como os leitores o devem saber, e se o não sabem, é bom que o saibam, não é assim tão longe que cá não possam vir; portanto a nossa casa fica na Cumeada, não é preciso mais nada. É só perguntar.

Esta notícia vinha a propósito da «nossa biblioteca».

São precisos livros: livros usados e por usar; novos e velhos; pequenos e grandes...

—Mais a mais vêm aí as férias grandes e os nossos rapazes gostam de ler livros.

O Zé Eduardo é que está encarregado da nossa biblioteca. Ele é o leitor número um.

2 A nossa porca teve dez cevados; sete dos quais vendemos a cento e vinte e cinco escudos cada um; outro foi para um senhor e nós ficamos com um casal.

—Tivemos ou não tivemos sorte na criação?

3 Já veio o livro pró Alfredo Serra. Não chegamos a saber quem foi que o ofereceu.

O Alfredo Serra agradece à boa pessoa que o mandou.

4 A venda do nosso jornal anda agora muito animada. Os nossos rapazes saem de manhã cedo, e vão à missa à Igreja da sua zona, cada um com responsabilidades.

E não de dizer assim os estimados leitores: eles se quiseram não vão à missa...

Pois bem, se não cumprirem, o mal é para eles e para mais ninguém.

Mas vamos à venda:

Figueiredo foi o campeão: vendeu 75 jornais e teve 21\$60 de grogeta.

Bucha 50 e 11\$00 de acréscimos. Ratinho outros 50 jornais e 9\$90 de sobras.

Nelas vendeu 47 e com as sobras juntou 91\$50

Buarcos desta vez vendeu sem sobras; foi uma senhora que lhe deu 60\$70 de grogeta.

Carequita 35 jornais e 8\$60 de acréscimos.

João 17 jornais e trouxe 11\$00 de sobras.

Tudo num total de 491\$80.

Esperamos que a venda do Famoso anime cada vez mais.

5 Desta vez a notícia que todos estão já à espera tem muito dizer. É o que nos dão no meu emprego.

Até aqui foi o seguinte: 100\$00 duma senhora que não quiz dizer o nome, mas diz as seguintes palavras:

Isto é para rezar um Pai Nosso e uma Ave Maria pela esposa de quem dá a esmola.

Agora é a assinatura do Senhor Dr. Roberto Canelas-Coimbra que fica em dia com 50\$00.

Mais a esposa do Senhor Além da Cunha Vaz que vem por a assinatura em dia com 25\$00 duma promessa. Outro, ou outra que não quiz dizer o nome e deu 20\$00; eu na altura não estava.

E mais da Anadia a senhora D. (CONTINUA NA TERCEIRA PÁG.)

AQUI, LISBOA!

Notícias do Lar do Porto

CONTINUAÇÃO DA 2.ª PÁGINA

Há calma relativa nestes arraiais do Sul. Mas, de vez em quando, lá vem uma pedrada inesperada ondular a superfície tranquila deste mar da vida. E' para que os dias não sejam todos iguais e para que a monotonia não venha estagnar a nossa existencia, neste vale de lágrimas.

Foi pedrada forte a noticia que há dias o chefe veio trazer, à hora da refeição: fugiram o Coroa o ardina e o má-raça!

Estamos já habituados a ver rapazes sair e entrar pouco depois, com ar de réus: mas desta vez o caso era mais grave e, por isso, resolvi frustrar os planos dos fúgitivos, tanto mais que só um era culpado. Os outros eram vítimas dum aventureiro: o ardina.

Na véspera tinha eu estado no S. N. I. onde ouvi as melhores referencias deste petiz. Diziam que era insinuante, delicado, bem falante. Pois foi com as mesmas boas falas que ele conseguiu entusiasmar os companheiros com a miragem da cidade.

Em menos de uma hora, eles entravam no grande átrio da nossa Casa. Acorrem sessenta a apurar os fúgitivos, numa algazarra tremenda: olha o Coroa, o tal que dizia—primeiro ter juízo! Isso, isso! primeiro ter juízo!

Para onde é que tu ias, ó maluco, se não tens ninguém que olhe por ti? Olha o buço! olha o má-raça!

A comitiva entrou acto continuo no refeitório para um tribunal solene e sumário.

Os réus confessaram a culpa e foram condenados à pena máxima: perda dos direitos de filhos da Casa o que significa comerem fora do refeitório, dormirem fora da cama, vestirem os fatos mais gastos e trabalharem sem recreio.

Entretanto estariam, por algumas horas, cativos no quarto do Pai Américo com a porta aberta, para reflectirem no mal que fizeram. E pronto, tudo voltou à normalidade.

Parece que aproveitaram a lição: o coroa reentrou dias depois na família, ao vir radiante mostrar o primeiro pão que conseguiu cozer sozinho. Era

POR

PADRE ADRIANO

uma fornada linda de oitenta quilos, mais linda que a do mestre; o ardina logo na primeira hora não fazia senão pedir perdão, mas só depois de suficientemente provado, readquiriu os seus direitos; o má-raça aguarda ainda a suspensão da pena por revelar mais do que uma vulgar atrição.

Também fugiu o Guira, mas por outro motivo. Achei extraordinária a adaptação deste Rapaz. Trazia uma folha de serviços muito suja. Andava há três meses fugido da paterna barraca, da Serra de Monsanto, quando o trouxeram aqui. Comia nas tabernas e dormia nos estábulos.

Há pouco surpreendi-o a dar estes conselhos a um companheiro titubitante: eh pá, tu não sejas tolo. Trabalha; eu também não gostava de trabalhar, mas agora já não me custa nada!

E' um adorável rapaz. Apesar disso, marchou!

Foi o caso que constou lá na barraca, à madrastra, o paradeiro dele. Um dia destes aparece ela à porta. Apenas a viu, o Guira desapareceu pela porta trazeira, galgou muros e quintais e desandou pelas ruas fora, até que os companheiros que o viram retirar tão repentinamente, lhe foram nas pégadas e o caçaram.

—Deixem-me, não quero ver a minha madrastra! Eu não fujo!

Quando o trouxeram à minha presença, já depois da madrastra ter retirado, ele explicava: eu não posso ver aquela mulher; eu não me ia embora. Só queria ir por-me num sitio onde a visse embarcar para Lisboa. Depois eu voltava para cá...

Quem se der ao trabalho de estudar o porquê da vadiagem encontra constantemente a explicação, uma barraca imunda, uma madrastra fera, a imoralidade, a exploração dos menores a

favor de terceiros parasitas que vivem à custa do tostãozinho que eles angariam. Usque tamdem!?

Vamos agora ver o que fazem os lisboetas. O Montepio apresentou-nos o relatório da generosidade dos que para lá fizeram caminho. Por ele se vê a actividade dos próprios Senhores e Senhoras que por lá riscam. Basta esta prova: de listas postas por eles a circular, entraram até 24 de Março, 82 contos; de depósitos directos 20 contos. Andam mais listas em circulação e outros aguardam lá alguém que não tenha tempo para vir aqui ao Tojal e queira desobrigar-se. Já não falamos na enorme quantidade de embrulhos de todo o género que lá vamos buscar ou que a S.ra D. Irene tem a amabilidade de cá vir trazer. Muito geito fizeram sobretudo aquela peça de flanela, e as roupas usadas etc. Especial referencia merece aquela lista que andou de mãos em mãos pelo Banco de Portugal. Voltou valorizada em 2.800\$00.

Por aqui, registamos muitas visitas. Não esquecem aqueles que deixam assinalada a sua passagem, com um rasto de luz. Uma família que, de tempos a tempos aparece, desobrigou-se agora com 1000\$00 para o pão de cada dia e com 500 mais 200 para a Tipografia e 300 para renovar assinaturas. Um francês subiu aos andaimos, e lá nos deixou 50\$00. São homens das alturas, estes estrangeiros que nos visitam. Das alturas são também os Empregados da Vaccum. Para comemorar o terceiro aniversário das cotas, sempre superiores a mil escudos mensais, resolveram intensificar a sua generosidade e conseguiram juntar 1.605\$00 e, já depois disso, ofereceram três lanternas de incandescencia para as novas Colónias de Férias e mais 1.140\$00 e roupas novas. A estas alturas poucos chegam.

Pelo telefone, alguém do Terreiro do Trigo pedia que lá fossemos buscar umas coisitas velhas. Vai-se a ver e eram quasi 500 latas de sardinha de conserva, cinco caixas de sabão e muitas coisitas mais.

Mais pneus, camas usadas, roupas usadas, papel velho que agora mesmo embarcou para a fábrica deixando nas mãos do Pedro, 200 e tal escudos. Veio quase todo da sede do Benfca. Anda por lá, de boca em boca, a Casa do Gaiato. O locutor da Emissora que eles admiram, fala dela também, e consta já que temos aí a visita do Benfca em peso. Vai ser o fim do mundo. Pois se só 200 Noelistas puseram há dias aqui tudo em pé de guerra—que farão dois ou quatro mil Benfquistas...

O Evangelho pregado na igreja dos Anjos traduziu-se em 5.800\$00 e, no mesmo dia, como que a compensar o nosso sacrificio, um senhor de Lisboa veio até nós com 5.000\$00, dinheiro que dizia não contava receber.

Mais 500 em carta de Lisboa e 20 de Torres Vedras, 100 da J. de Arroios, 100 do G. A. Mercaria. No Banco 150 duma viuva. Amendoins de Loures que vieram numa altura em que nada havia para merendas e por isso tiveram dobrado sabor. Um visitante do Brasil que por lá marcou presença na altura da visita do Senhor P.º Américo, veio aqui dizer-nos do muito que estima as obras sociais. Os 500 que cá deixou, revelam quanto estima as crianças da rua.

Finalmente um africano Amigo, resolveu enfrentar as Aljandegas a favor dos nossos Pobres. Os 150 quilos de açúcar que couberam aos nossos, foram salgados com quatro centos e

que apenas há em caixa 116\$00 o que é muitíssimo pouco, pois apenas podemos dar a esmola aos nossos pobres mais duas semanas.

Sendo assim, os nossos pobrezinhos terão que sofrer um bocado, pois ficarão algum tempo sem a esmola do costume.

Alguns dos nossos rapazes inscreveram-se como sócios da nossa conferencia, ao saberem que esta precisava de dinheiro para os seus pobres.

Se algum leitor desejar ser «subscritor», era favor escrever-nos, que nós tratamos de ir lá receber todos os meses.

Recebemos 2 camisas, 2 gravatas um par de meias para os nossos pobres, as quais foram entregues a um dos vendedores de «O Gaiato».

Aos nossos amigos que queiram mandar alguma coisa para os nossos pobres, podem fazê-lo enviando pelos vendedores ou para o Presidente da Conferência da Casa do Gaiato, à rua de D. João IV, 682—Porto.

Apesar de não termos quase dinheiro nenhum vamos admitir mais alguns pobres para socorrermos.

E cá esperamos que os nossos amigos leitores de «O Gaiato», mandem pouco ou muito, do que não lhes fizer falta, em prol dos dos nossos pobrezinhos.

Noticias de Coimbra

CONTINUAÇÃO DA 2.ª PÁGINA

Maria Teresa Sampaio com 20\$00 para a assinatura.

Desta vez é um estudante com 5\$00: e não quiz dizer o nome.

Outra assinatura do Senhor Engenheiro José Horácio de Moura com 50\$00. E por intermédio dum senhor Dr. de Português de Coimbra, a Senhora D. Carmina Forte Gabriel-Covilhã pagou a sua assinatura com 50\$00, e outro mesma doze para a tipografia.

Mais uma Senhora que vai para o Brasil, mas primeiro quer pagar a sua assinatura e a senhora D. Maria Madalena Reis Maia assinante n.º 6174 pagou 2 anos com 100\$00. Agora é o meu patrão que põe a sua em dia.

Mais 20\$00 para pagar a assinatura da Senhora D. Maria José Mancelos, Moncada-Coimbra.

O Senhor Brasileiro veio a Portugal mas não se esqueceu de nós.

cincoenta escudos. E' preciso amar muito para se dar tanto!

Para a Nossa Tipografia, mais 150\$00 dos funcionários da Divisão do Depósito do Banco de Portugal; 50\$00 da Conferência de S. Vicente de Paulo de S.ta Isabel; M. A. e M. J. P. S. I. entram na procissão com 120\$00.

120\$00 pelas melhoras de pessoa querida; mais 100, de M. V. P. e três libras estrelinas.



Dois Gaiatos de Miranda
O mal e o bem à cara vem.

ISTO É A CASA DO GAIATO

João de Deus veio do Hospital do Têrço, aonde esteve por largos meses. A conta da enfermaria subiu a oito contos e quê, que seria um encargo da Casa do Gaiato se não fosse a Mesa; oito contos e quê!

João de Deus era para continuar; ele está muito doente. Mas tais saudades lhe chegaram, da sua aldeia, que não houve remédio senão ir buscá-lo: *eu quero ir pra casa*. E veio. Está em sua casa. Foi o Moléstia, fui eu, foi o Morris.

João de Deus pede e comunga todos os dias. Imediatamente a seguir à missa, eu levo-lhe o Senhor. Nunca tão sacerdote como naquela hora! O doente está sentado no leito. Ao pé, os seus brinquedos. Ao lado, ajoelhados, infinitos enfermeiros e ajudantes.

Apróximo-me; o João inunda-se. Cerra os olhos docemente. Eu pronuncio a palavra forte da Igreja: *Que o Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo guarde a tua alma para a vida eterna*. E Cristo Jesus comunga o João de Deus!

Mas há mais. São laranjas. Nós temos laranjeiras com fruta no mês de Julho e numa casa de 180 ex-salteadores! O doente quer e pede laranjas. O enfermeiro dirige-se ao Sérgio. Este manda colher. Ontem vi um rapaz com seis d'elas; três na mão e três nos bolsos: *são pró João*.

Eu vou aqui fazer um acto de fé público: este engeitado é a Obra da Rua. Garante a Obra da Rua. O que importa é amá-lo cada vez mais.

ACABO de chegar do Hospital, aonde tinha ido fazer um curativo. E' uma creadela num pé. Moléstia lavou as mãos com sabão e toma nelas os precisos, para me curar a ferida. Sobre a mesa, vejo uma garrafa cheia de algo que me parecia azeite. Perguntei o que era aquilo. E' *prás queimadelas*. Moléstia é prevenida. Tinha sido a festa de S. Pedro. Duas mil bichas de rabiari: *é prás queimadelas*.

Sento-me num divan da sala. Moléstia vai buscar um tripé. Coloca as mesinhas sobre a mesa e começa a operar. O rapaz não tinha os movimentos livres, por via de um objecto que ali estava e tomava muito espaço. Que seria? Eu vou dizer: um automóvel! Um automóvel que um senhor do Porto nos deu, aonde o seu filho passeava quando era pequenino. Ali estava ele a tolher os movimentos do enfermeiro, com prejuízo da minha ferida. Verdadeiramente falando, não era ali o sítio do automóvel. Mas eu deixei.

Olhando à idade do enfermeiro e da sua clientela, eu acho bem que esteja ali o automóvel.

DA cascata grande das nossas festas de S. Pedro, nem é bom falar; tudo quanto se diga, fica muito áquem. Vou falar d'outra; da cascata dos Tipógrafos e do refeitoreiro Norberto. Os cinco armaram a dita cascata com um fim determinado: arranjar dinheiro para os meus cigarros! Eu só o soube quando o grupo, Norberto á frente, entra pelo refeitoreiro com um pacote

de suaves e uma caixa de fosforos.

Eles guardaram o dinheiro e agora, quando se acaba o maço, lá vai o Norberto à loja por outro: *pronto aqui está! Vejamos até quando dura.*

AGORA, por cigarros: Gari fez ontem 17 anos. Ele é aquele rapaz simpático, que houve de ser retirado do seu emprego, no Porto por causa das pontas; e que uma vez em Paço de Sousa e feito refeitoreiro dos grandes, foi nomeado guarda dos meus cigarros. Agora tem outra obrigação; é o padeiro da aldeia.

Como fosse dia dos seus anos, sentou-se à minha mesa e eu dei-lhe um cigarro. Outros rapazes rodearam a mesa a gozar o cigarro do Gari. Eu também gozava o espectáculo. A festa realça-lhe o chiste natural. O cigarro diz-lhe bem. As pontas vêm dos seus anos de infancia: *o meu pai mandava-me às pontas*. E se o rapaz não trouxesse aquele número, era castigado.



O que eu passo aqui em casa por via d'este carro, não é para dizer a ninguém! Eu, chamo-lhe e quero que ele seja unicamente o carro de levar o jornal à estação, e para isso mando que o fechem a sete chaves. Mas ele tem rodas. Ele é muito bem feito. Ele é um amor a andar. Eles são mais de cem em idade de perder a cabeça à vista d'um carro; e eis tudo. Desta vez foram com ele à terra para os jardins!

Estavamos em maré de revelações. O fumo do tabaco dá graça e inspiração. O rapaz conta: *era acolá que eu escondia os seus cigarros, quando fui nomeado guarda do seu tabaco*. E aponta um quadro suspenso da parede do refeitoreiro. Quer dizer, todos os dias, o guarda fiel subia acima de um mocho, não fosse visto, e escondia o meu tabaco. O ladrão número um dos cigarros! Deixo os comentários à alma inteira dos leitores!

ENTREI hoje na sacristia e queixei-me de sede. *Tenho tanta sede*.

Não reparei quem estava, mas estavam d'eles; era domingo. Fui para o altar com sede e tudo. No regresso e enquanto me desparamento, noto uma pequenina mão dar-me um toque. Olho. Era uma caneca de vidro com água fresquíssima!

Outra vez deixo aos meus leitores o comentário d'estes pequeninos nadas. Se queres ser amado,—ama.

EU fui a um médico e ele deu-me a receita e eu mandei aviar; duas caixas de injeções.

Chegado que fui a casa constou que eu ia tomar injeções, e aí vem Moléstia oferecer os seus préstimos; *quando for diga*. Na minha opinião nunca seria.

Eu tinha medo do Moléstia... Passou aquele dia e no seguinte, Moléstia mandou recado que fosse; *está a agulha a ferver*. Também eu fiquei a ferver com a quasi intimação. Faltava-me coragem. Vem o próprio enfermeiro. Que perguntasse eu a fulano e a sicrano e a beltrano; a todos quantos ele tem injectado aqui na aldeia. Que os mandasse chamar e perguntasse na frente d'eles se lhes tem feito doer. Diante de tanta evidencia tive de me render. Ando a tomar injeções e o Moléstia contentíssimo por m'as dar. Ele vai aos Pobres. Compra-as nas farmácias e aplica-as no corpo dos enfermos. Os médicos apenas dão um nadinha da sua ciencia; mais dá o Moléstia. Constou-me aqui que os enfermeiros encartados se vão queixar aos seus Sindicatos, da intromissão, mas não lhes vale a pena. Perdem a questão.

A Caridade vence tudo e todos.

EM o *Aqui Lisboa* d'este numero, pode ler-se um episódio de fugas do Tojal e a maneira como são ali tratados os fugitivos. Aqui é perfeitamente na mesma. As nossas casas são distantes e dispersas, mas o pensamento é um.

Fugiu-nos há dias o Carlos de Pinhel. Não dei por ela e foi da Polícia do Porto que me veio a notícia. Perguntavam o que haviam de fazer ao rapaz. *Colocá-lo em liberdade e mandar que regressasse*. Assim fizeram e o rapaz apareceu. Confiança. A grande força de elevação das almas.

Apróximamei-me do simpático moço. Ele tem a passar de 15 anos. Era errante. E' analfabeto. Tem madrasta... Perguntei porque é que fugiu. Que o Sérgio lhe batera, por ter feito mal a um passarinho, disse ele. Pois Sérgio bate-te tantas vezes quantas tu fizeres mal a um passarinho, disse eu. Assim castigamos os nossos queridos fugitivos: porta aberta, jogo franco. A nossa Obra é uma. Exemplo:

E, agora devo confessar: Não sou assinante do «Famoso», nem quero sê-lo! E' que não quero privar-me dum dos poucos prazeres espirituais que sinto ao «tocar» nos seus rapazes, nessas almas em formação, que são a prova real duma grandexa incomensurável: *não quero, tampouco, privar essas criaturas de Deus, de manifestar a alegria que lhes inunda o coração-coração que pode ser de ouro, extraído duma mina de trapos quando vendem mais um jornal.. Como gosto de os ver animados com tão pouco: «Dá-me cá o nosso jornal!...» E eles «sentem» que estão com gente amiga... A's vezes queria dizer-lhes muita coisa, mas só assim, á saída da missa, consigo afagar-lhes a cabeça limpa... E, depois de os contemplar,*

venho para casa e devoro a leitura, ou antes, bebo a doutrina e... deixo correr as lágrimas, quando elas querem humedecer-me a face... For-me bem esse fluxo, e pena é que não seja pelo menos todos os domingos...

Enquanto lia, estava vendo a face dos vendedores do Porto e só no fim é que notei que a carta era de Lisboa. Trata-se dos rapazes do Tojal! Um só pensamento nas casas diversas e dispersas. As mesmas causas produzem os mesmos efeitos em igualdade de circunstancias.

o nosso livro *Isto é a Casa do Gaiato* é a maré cheia; Fernando, o antigo Piolho, quer à fina força que se faça uma edição de dez mil exemplares. Dez mil! *Eu cá despacho metade*, exclama ele. Avelino, o pacífico Avelino, também anda um nadinha espumante. Como eu tivesse posto o caso da revisão e a dificuldade da nova ortografia, ele levanta-se de onde estava e quer saber para que é que serviu um ano de sintaxe; *eu estou cá. Eu sei a nova ortografia. Eu faço a revisão*.

Júlio, armou um grande livro aonde inscreve os pedidos que vão chegando, e explica-me que assim já fica tudo em ordem para futuras publicações! Eles querem publicar mais livros!! Oh Portugal; o que tu trazes no seio! O que tu tens sempre trazido, oh minha Pátria muito amada, e os patriotas nunca deram por ela —os patriotas!

Avelino, mal conclui os seus estudos de Português, procura inteirar-se de outros conhecimentos e hoje mantém correspondencia com o Instituto Lusitano de Comércio.

Curso Comercial. Vem a talhe de foice comunicar que aquele organismo, ofereceu aos nossos rapazes três cursos, à escolha. Serra Cid já aproveitou um; guarda-livros. Eu agradeço.

Se eu fosse, havia de ter na aldeia professores de estudos complementares, consoante a vocação e intelligencia e qualidades do rapaz. Consoante o programa oficial, não. Sim. Havia de ter. Mas eu sou um pedinte dos caminhos. Eu tenho de procurar o pão. Sem ele, o rapaz não se faz homem. Eis porque não tenho nem faço nada do que se poderia fazer.

Manuel Risonho quando chega da venda, traz sempre um mundo de coisas na ponta da língua, e enquanto as não diz não me larga. E' um dos rapazes mais expontaneos da aldeia. *Olhe que há-de receber pelo correio uma coisa pra mim*.

E desfia a coisa. Desfia a pessoa. Desfia o lugar. Desfia as circunstancias. Desta vez tratava-se de uma camisa que lhe vai mandar a senhora do gaz e da electricidade. Ela perguntou-me o que é que eu queria e eu disse uma camisa. A senhora do gaz e da electricidade! Temos tido cá senhoras de várias coisas e ainda hoje temos a *do mel* e a *dos emblemas*, porém, *do gaz e da electricidade* é a mais pitoresca designação que até à data nos tem chegado ao conhecimento.

Também se gaba o Risonho de um anel d'ouro que lhe vão dar quando ele fizer a 4ª classe. Ora isto só acontece para o próximo ano se ele estudar. Acho muita antecipação. Ele diz estas coisas por ciúmes. Quando algum traz prendas e ele não, vai buscar as promessas e com elas faz a festa; *mas eu vou ter um anel d'ouro...*